



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12155 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

DOCUMENTÁRIOS E REALIDADES EM MOVIMENTOS CRIADORES NAS REDES EDUCATIVAS

Rossana Maria Papini - UFF - Universidade Federal Fluminense

Rosa Helena de Mendonça - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOCUMENTÁRIOS E “REALIDADES” EM MOVIMENTOS CRIADORES NAS REDES EDUCATIVAS

Introdução

Este texto discute o uso do cinema-documentário como possibilidade de ampliar a compreensão de determinados espaços/tempos políticos. A ideia é fundamentar práticas escolares, por meio da formação de professores com os recursos audiovisuais, em especial, com o cinema. A proposta consiste em assistir a filmes que inspirem conversas entre professores e estudantes do magistério. As questões de urgência social têm sido um assunto de destaque em nossas práticas. Temos como objetivo o debate sobre como essas questões se transformam em questões curriculares. O documentário “*É tudo verdade*”, foi criado a partir das filmagens inacabadas de Orson Wells no Brasil. E, ao trazer a temática dos jangadeiros e de sua luta por melhores condições de vida, o documento fílmico traz, como pano de fundo, a questão das lutas por melhores condições de vida de uma parcela significativa da população. O feito dos jangadeiros que singraram os mares do Ceará ao Rio de Janeiro, documentado por Wells, nos anos 1930, em pleno Estado Novo, nos remete a contextos em curso, cujas consequências atingem as chamadas comunidades tradicionais. Discutir essas questões nas

escolas é uma forma de insurgência aos documentos que pretendem circunscrever os currículos a conteúdos que não consideram a diversidade de temas que constituem a sociedade.

É tudo verdade nos documentários?

O Brasil, assim como outros países da América Latina, é um país em que a exceção parece ser a regra no que diz respeito à estabilidade política. De tempos em tempos, golpes de Estado interrompem períodos de estabilidade democrática, provocando o surgimento de ações de resistência e a criação de movimentos insurgentes/criadores. Segundo Rancière, *“um filme documentário” não é o contrário de um “filme de ficção”* (2013, p.160-grifos nossos). De fato, enquanto este último se vale do trabalho de atores e de um argumento inventado, mesmo quando inspirado em fatos reais, aquele busca nas imagens e depoimentos recolhidos na ‘realidade dos cotidianos’ ou em arquivos jornalísticos o material que dará base à edição. Ambos são, assim, criações de realidades.

Como essas imagens, captadas nos idos anos 1930/1940, podem nos ajudar a pensar questões atuais, como a vida dos pescadores, o cinema documentário e suas condições de produção? Nossas questões partem de Certeau (1994), de filmes em conversas (DELEUZE, 2010; BRAGANÇA, 2008) nas redes educativas (ALVES, 2008) em que tecemos conhecimentos/significações, acerca de questões que estão presentes nos cotidianos e, portanto, nos currículos escolares.

Em nossas pesquisas/ações utilizamos o cinema na formação e após a exibição a proposta é conversar em grupo sobre os filmes, que são exibidos com a intenção de ajudar a compreender alguns processos sociais e de problematizar inserções possíveis nos currículos escolares.

Para nós as produções cinematográficas são entendidas como “personagens conceituais” com os quais conversamos para criar. Os filmes, sem desconsiderar os aspectos de linguagens e concepções cinematográficas que os constituem, são entendidos por nós como personagens conceituais. Eles são os “outros”, os intercessores que nos permitem a criação (DELEUZE e GUATTARI, 1992; DELEUZE, 2010),.

Compreendemos, desta maneira, que suas autoras funcionam também como intercessoras uma da outra, pois além das experiências que nos aproximam como professoras/pesquisadoras (ESTEBAN; ZACCUR, 2002), da valorização do saber da experiência feito (BONDÍA, 2002), temos também nossas redes educativas singulares que constituímos e que nos constituem ao longo da vida.

São vários os territórios de nossas vivências. Como pesquisadores, temos experiências

diversas, nos âmbitos da educação na cidade e no campo (em pequenas vilas, na beira das estradas, em zonas rurais e ‘rururbanas’ – contribuição de Carneiro (2012). Neste texto, abordaremos a vida dos pescadores artesanais, parte das chamadas comunidades tradicionais do Brasil.

Tratando desta população, optamos por uma produção audiovisual que pudesse costurar um link, construir uma ponte entre o passado e o presente.

Quatros homens e uma jangada – Algumas considerações finais

Na esteira da chamada ‘política da boa vizinhança’, em 1942, o jovem e já consagrado cineasta americano Orson Wells, diretor do emblemático Cidadão Kane, vem ao Brasil, rodar um documentário sobre o Carnaval no Rio de Janeiro. As filmagens foram conturbadas, o orçamento estourou e, no meio do projeto que foi batizado de *It’s all true* (É tudo verdade), Wells toma conhecimento pelos noticiários da história de quatro jangadeiros que vieram em pleno Estado Novo, de Fortaleza ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, em uma jangada, sem auxílio de instrumento náutico algum, para reivindicar junto ao Presidente Getúlio Vargas direitos trabalhistas para os jangadeiros em seu trabalho de pesca artesanal.

A decisão da viagem reivindicatória dos jangadeiros ao Rio de Janeiro havia ocorrido após mais uma morte de um companheiro que deixava em total desamparo uma viúva e seus filhos, situação trágica e recorrente. O assunto tomou conta dos noticiários, a travessia teve êxito e eles foram recepcionados por autoridades na então Capital Federal, sem, contudo, verem suas reivindicações atendidas de imediato. O cineasta fica fascinado com a história e vai ao Ceará para conhecer os personagens, decidido a filmar a reconstrução dessa travessia, usando uma linguagem documental.

Durante a reconstituição dessa viagem, uma tragédia faz com que o material da filmagem fosse arquivado: Jacaré, apelido do líder dos jangadeiros, exímio nadador, morre afogado na praia de Copacabana. Dolorosa ironia do destino?

Só muito mais tarde, na década de 90 esse material foi resgatado por três pesquisadores americanos que realizaram o documentário *It’s all true* (1993), em que as histórias da travessia de Jacaré e das filmagens de Wells aparecem inexoravelmente misturadas

As autoras têm desenvolvido algumas pesquisas/estudos cuja proposta é retomar experiências pioneiras com o cinema com o objetivo de trazê-las para conversas acerca de questões sociais e, portanto, curriculares. Ao recuperar essas produções e fazê-las circular entre novas gerações temos alguns propósitos – alcançados - como: mostrar que as experiências, mesmo as inacabadas, podem germinar, darem frutos, trazendo novas

possibilidades de criação; reforçar a potência das imagens do cinema como registro de acontecimentos. E essa busca tem se mostrado mais acessível pela existência na WEB de formas de assistir às mais diferentes produções.

Palavras-chave: Cinema e Educação; Cotidianos Escolares e Movimentos Criadores; Populações Caiçaras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas - sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. IN: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 20 jan/fev/março/abril 2002.

BRAGANÇA, Felipe (org.). *Eduardo Coutinho*, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

CARNEIRO, Maria José. CARNEIRO, Maria José. *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Conversações - 1972-1990*, São Paulo: Ed. 34, 2ª edição, 2010.

_____, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESTEBAN, Maria Teresa, ZACCUR, Edwiges (orgs). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. *A fábula cinematográfica*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

<https://youtu.be/sWz8QMP0sFs> - depoimento de Mestre Eremilson.

<https://youtu.be/sxiw-eazfhk> parte 2